

## Editorial

# O paradoxo do poder

*Heitor Carlos Santos Utrini*

Em suas *Antiguidades Judaicas*, Flávio Josefo assim descreveu a figura de Herodes, o Grande: “Foi um homem desumano com todos e de iras desenfreadas; menosprezou o direito e a justiça. A sorte lhe foi sumamente propícia, pois de simples particular se elevou ao trono real; apesar de o rodearem inúmeros perigos, escapou de todos, morrendo de idade avançada”<sup>1</sup>. A imagem do soberano aqui retratada reflete o homem poderoso segundo a lógica do senso comum. Possui poder aquele que é capaz de se autodeterminar, bem como de regular a sorte dos outros, seja através da força física, do prestígio, da fama, do dinheiro ou de qualquer outra forma de coerção.

Diante dessa representação, contrapõe-se aquela proposta por Paulo acerca de Jesus: “Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Cor 1,22-24). Como se percebe, curiosamente, no NT, ao redor do conceito de “poder” encontram-se vocábulos que estabelecem uma relação de tensão estranhamente paradoxal<sup>2</sup>. Por mais estranho que isso possa parecer, forte é o crucificado, aquele que aparentemente foi derrotado por seus inimigos e foi incapaz de se defender, sofrendo morte infame.

O léxico de “poder/autoridade” conta com distintas palavras: a mais elementar de todas é δύναμις, que possui o significado de “força física”, “poder”, “potência”, “habilidade para fazer algo”, “influência”, “autoridade”, “poderio bélico”<sup>3</sup>. Na LXX, traduz os termos hebraicos כֹּחַ (grande força, potência<sup>4</sup>; 138 vezes); צָבָא (exército, expedição militar, guerra, serviço militar<sup>5</sup>; 113 vezes); e בְּזוּזָא (vigor, força animal, força da alma, potência bélica, potência régia<sup>6</sup>). A palavra ocorre 119 vezes no NT e

---

<sup>1</sup> FLAVIO JOSEFO, *Antigüedades de los Judíos*, XVII, 8,1.

<sup>2</sup> FRIEDRICH, G., δύναμις, p. 945.

<sup>3</sup> LIDDELL, H. G.; SCOTT, R., *Greek-English Lexicon*, p. 452.

<sup>4</sup> ZORELL, F., *Lexicon Hebraicum Veteris Testamenti*, p. 238.

<sup>5</sup> ZORELL, F., *Lexicon Hebraicum Veteris Testamenti*, p. 679.

<sup>6</sup> ZORELL, F., *Lexicon Hebraicum Veteris Testamenti*, p. 138.

nos escritos de Paulo e na obra lucana o vocábulo possui uma certa relevância<sup>7</sup>. O termo se relaciona seja com Jesus em sua capacidade de realizar milagres (Mc 5,30; Lc 4,36; 24,49) e a glória de sua vinda no final dos tempos (Mc 13,26), seja com os discípulos, uma vez que foram revestidos de poder pelo próprio Jesus (Lc 9,1; 24,49; At 1,8).

Igual destaque recebe o vocábulo ἐξουσία, que indica “poder”; “autoridade/permissão para fazer algo”, “liberdade”, “poder sobre”<sup>8</sup>. Na LXX, geralmente traduz o termo מְלָכָה (domínio, governo<sup>9</sup>) e comparado ao termo anterior, é muito menos frequente<sup>10</sup>. No NT ocorre 108 vezes e aparece tanto em sentido secular de “poder para dar ordens” (Mt 8,9), “jurisdição” (Lc 23,7), quanto em sentido teológico. Neste caso, a autoridade de Jesus é aquela que é partilhada com o próprio Deus, por ter sido enviado por Ele (Lc 4,36). É por isso que o próprio Jesus pode comissionar os seus discípulos concedendo-lhes a sua autoridade (Mt 10,1; Mc 3,15; 6,7).

Além desses dois termos, outros poderiam ser igualmente acrescentados, como é o caso de ἰσχύς (“força física”, “poder”, “força bruta”<sup>11</sup>), κράτος (“força”, “poder”, “força física”, “controle”<sup>12</sup>) e ἐνέργεια (“atividade”, “mão-de-obra”, “atividade divina ou sobrenatural”, “forças cósmicas”<sup>13</sup>). Como se percebe, cada uma das palavras contempla o poder/autoridade a partir de um determinado ponto de vista. Enquanto δύναμις, ἰσχύς e κράτος se referem à capacidade inerente ou derivada para se atingir um determinado fim, ἐξουσία fala do direito de exercer o poder, mas também implica uma capacidade de exercer esse direito<sup>14</sup>.

Quando se pensa na autoridade/poder de Jesus e de seus discípulos, o que se pretende indicar com isso? Certamente não se trata de domínio ou de sujeição dos outros, pois o próprio Jesus se expressou claramente a esse respeito ao dizer que “os que são considerados chefes das nações as dominam (κατακυριεύουσιν αὐτῶν) e os magnatas as tiranizam (κατεξουσιάζουσιν αὐτῶν). Mas entre vós não deverá ser assim” (Mc 10,42-43). Repetidas vezes Jesus rejeitou qualquer tipo de pretensão de poder temporal (Mc 12,17; Jo 6,16), embora o pretexto de sua condenação à morte tenha sido a acusação de rivalizar com a autoridade de César (Mc 15,26; Jo 19,12-16).

Assim sendo, o poder/autoridade de Jesus (e conseqüentemente de seus discípulos) se reflete a partir de alguns elementos. Seus atos de poder indicam a

<sup>7</sup> FRIEDRICH, G., δύναμις, p. 145.

<sup>8</sup> LIDDELL, H. G.; SCOTT, R., Greek-English Lexicon, p. 599.

<sup>9</sup> ZORELL, F., Lexicon Hebraicum Veteris Testamenti, p. 445.

<sup>10</sup> Aparece apenas 50 vezes, ao passo que o vocábulo anterior ocorre cerca de 400 vezes (BETZ, O., Poder, Autoridade, Trono, p. 1697).

<sup>11</sup> LIDDELL, H. G.; SCOTT, R., Greek-English Lexicon, p. 844.

<sup>12</sup> LIDDELL, H. G.; SCOTT, R., Greek-English Lexicon, p. 992.

<sup>13</sup> LIDDELL, H. G.; SCOTT, R., Greek-English Lexicon, p. 564.

<sup>14</sup> ARNOLD, C. E., Power, NT concept of, p. 444.

irrupção do Reino de Deus no qual seu desígnio salvífico atinge o homem por inteiro. É sob essa perspectiva que são vistas suas ações, mormente o perdão dos pecados (Mc 2,5), as curas (Mc 1,40; 5,30) e os exorcismos (Lc 11,20). Todo o ser humano é restaurado e os inimigos (a enfermidade, as forças diabólicas, o pecado, a morte) são por ele subjugados.

Paradoxalmente, é no momento de maior vulnerabilidade que se expressa todo o seu poder. O centurião descobre a identidade de Jesus não após um milagre avassalador, mas exatamente quando ele morre ao lado de dois malfeitores (Mc 15,39). Portanto, não se trata de onipotência no sentido da imposição de sua vontade (Mc 14,36), mas da onipotência do amor que não conhece limites para buscar o bem da pessoa amada (Mc 10,45), do amor que se faz vulnerável aceitando todos os riscos, inclusive o de ser rejeitado. As grandes tentações de Jesus foram aquelas de impor sua vontade, de constringer a liberdade dos homens ou de usar seu poder em benefício próprio (Mt 4,1-11). Jesus saiu vitorioso desse combate com o tentador, de sorte que essa sempre será a maior batalha também enfrentada por seus seguidores.

É curioso que já nos evangelhos os discípulos sejam retratados como homens que disputam acerca de quem é o maior (Mc 9,33-37) e desejam lugares de destaque (Mc 10,35-40). Se por um tempo a relação entre Igreja e poder foi conflituosa e marcada por perseguições, na medida em que o tempo foi passando, os seguidores de Jesus começaram a se sentir confortáveis diante do acúmulo de poder temporal. Yves Congar adverte que:

A Igreja está numa melhor posição quando encontra alguma oposição, e mesmo quando sofre perseguição moderada. Então ela se purifica e encontra a pureza dos seus princípios de ação. Uma Igreja cevada, firme em suas obras, em seus sucessos, em suas seguranças, corre muito mais perigo de se tornar mundana e esquecer para que foi criada, e por quem e para quem existe<sup>15</sup>.

Se o poder de Deus se manifesta na fragilidade do Crucificado, a verdadeira autoridade da Igreja também se estabelece quando segue pelo mesmo caminho. Não se trata de autoridade de decidir a sorte dos povos ou de influenciar os rumos da política. A verdadeira autoridade é aquela que brota de sua coerência com a mensagem do Evangelho. Ademais, a grande dignidade dos cristãos não são as honrarias e privilégios concedidos pelos poderosos deste mundo. Os tesouros podem ser roídos pelas traças ou roubados pelos ladrões (Mt 6,19). A grande riqueza do cristão é aquela dignidade à qual fomos elevados pela misericórdia de Deus: “Vede que manifestação de amor nos deu o

---

<sup>15</sup> CONGAR, Y., Verdaderas y falsas reformas en la Iglesia, p. 122.

Pai: sermos chamados filhos de Deus. E nós o somos!” (1Jo 3,1). Agostinho, com palavras fulgurantes, retrata essa surpreendente dignidade:

Irmãos, direi mais claramente para que possais entender: por meio do Verbo foram criadas todas as coisas, do anjo ao verme. Que coisa dentre as criaturas é mais nobre que um anjo, que coisa é mais miserável que um verme? Por meio d’Aquele por obra do qual foi criado o anjo, foi também criado o verme: mas o anjo é digno do céu, o verme da terra. Foi Aquele que criou que dispôs assim as coisas. Se colocasse o vermezinho no céu, repreendê-lo-ias; se quisesse que os anjos nascessem das carnes em putrefação, repreendê-lo-ias. Todavia, Deus faz algo desse tipo, e não decerto isso não é digno de repreensão. Com efeito, todos os homens que nascem da carne, que coisa são senão vermes? No entanto, de vermes que são, Deus faz deles anjos<sup>16</sup>.

Assim, a autoridade que emana de Jesus e deve caracterizar seus seguidores não é a força que subjuga ou a influência que domina, mas o serviço que edifica e liberta. A lógica do poder no Reino de Deus subverte as dinâmicas mundanas, colocando o amor e a entrega acima da dominação. A fragilidade do Crucificado revela a plenitude de um poder que não oprime, mas transforma; não se impõe, mas atrai. Dessa forma, a Igreja, quando fiel ao exemplo de seu fundador, torna-se sinal visível de uma autoridade que é mais forte na fraqueza e mais verdadeira no serviço humilde ao próximo.

Portanto, a verdadeira grandeza da comunidade cristã não está em sua capacidade de acumular poder terreno, mas em sua fidelidade à mensagem do Evangelho, que aponta para uma autoridade enraizada no amor sacrificial. Esse é o chamado paradoxal que desafia os discípulos de Cristo em todos os tempos: não aspirar à glória passageira das honras humanas, mas viver como filhos de Deus, testemunhando a dignidade que lhes foi concedida. Somente assim a Igreja poderá cumprir sua vocação de ser luz para o mundo, refletindo o poder de Deus que se manifesta na fraqueza e o amor que não conhece limites.

### Referências bibliográficas

AGOSTINHO. **Commento al Vangelo di Giovanni**. Milano: Bompiani, 2010.

ARNOLD, Clinton E. Power, NT concept of. In: FREEDMAN, David Noel (Ed.) **The Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992, p. 444-446. vol. V.

---

<sup>16</sup> AGOSTINO, *Commento al Vangelo di Giovanni*, I,13.

BETZ, O. Poder, Autoridade, Trono. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1691-1701. vol. II.

FLAVIO JOSEFO. **Antigüedades de los Judíos**. Barcelona: Editorial Clie, 2013.

FRIEDRICH, Gerhard. δόγματις. In: BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard (Edd.) **Dizionario Esegético del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia, p. 944-951.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. **Greek-English Lexicon**. With a revised supplement, 9ª ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.

ZORELL, Franciscus (Ed.). **Lexicon Hebraicum Veteris Testamenti**. Quod aliis collaborantibus. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1989.

***Heitor Carlos Santos Utrini***

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino  
(Roma)

Docente de Sagrada Escritura da PUC-Rio  
Editor-chefe de ReBiblica  
Rio de Janeiro/RJ – Brasil  
E-mail: hcsutrini@puc-rio.br